

Alberto
Moravia

UMA IDEIA DA ÍNDIA



Tradução de
Margarida Periquito

COORDENADOR DA COLECÇÃO
CARLOS VAZ MARQUES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

ÍNDICE

© 2008, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© RCS Libri S.p.A., Milão
Bompiani 1962-2007

Título original: *Un' Idea dell' India*.
Autor: Alberto Moravia
Tradução: Margarida Periquito
Coordenador da colecção: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição e capa: Vera Távares

1.ª edição: Julho de 2008

ISBN 978-972-8955-66-3
Depósito Legal n.º 277955/08

PREFÁCIO 9

Introdução	13
Ao Anoitecer, na Índia	27
As Fogueiras de Benares	35
Nehru, o Intelectual	43
A Mulher de Jinnah	53
O Trauma do Politeísmo	63
Viajar na Índia	71
A Pobreza	81
Pesadelos e Miragens	91
Thanjavur	101
Colonialismo e Simbiose	111
A Impureza	121
O Escândalo de Khajurah	129

NOTA À EDIÇÃO ITALIANA 137

NOTA BIOGRÁFICA 141

PREFÁCIO

QUANDO ALBERTO MORAVIA percorre a Índia, em 1961, é um escritor famoso. Os romances que lhe dariam um lugar cimeiro entre os intelectuais italianos do século xx — *Os Indiferentes*, *A Romana*, *O Desprezo*, *A Ciociara* e *O Tédio* — já tinham sido publicados. Moravia era o epitome do intelectual antifascista.

Acompanham-no, nesse percurso de mês e meio, outros dois escritores: Elsa Morante, de quem se divorciará um ano mais tarde, e o iconoclasta Pier Paolo Pasolini. Nenhum deles será referido ao longo de *Uma Ideia da Índia*. Moravia está mais interessado em determinar a essência da cultura indiana — numa análise em busca de um olhar objectivo — do que em fazer o relato das peripécias da viagem. É o primado do «olho sintético», a que se refere Tonino Tornitore no prefácio à edição italiana.

A ideia da Índia de Alberto Moravia é a de uma espécie de reverso da Europa. Antes de mais pela relação com a morte, tão distinta, mesmo antagónica: «na Europa o terror da morte sempre suscitou a mais viva aspiração à

imortalidade pessoal e espiritual; ao passo que na Índia o terror da vida [...] suscitou a aspiração oposta: o aniquilamento definitivo através da ascese, ou seja, o nirvana».

A «presença da morte» é uma constante da reflexão de Alberto Moravia, neste livro, sobre o domínio da religião na cultura indiana. O marxista Moravia escapa, no entanto, à tentação de estigmatizar o fenómeno religioso, mesmo identificando-o como uma das causas profundas para a pobreza endémica, que elegerá como o aspecto mais impressionante da Índia. O que o escritor denuncia é o carácter de superstição que, na maior parte dos casos, a religião adquiriu: «a vida na Índia está cheia de crenças obscuras e irracionais, que se conservam mesmo quando já não desempenham qualquer função, nem sequer religiosa».

É por demais evidente a admiração de Moravia por Nehru, na altura primeiro-ministro indiano, uma década depois da independência. O intelectual Moravia revia-se, fraternalmente, na figura do «intelectual» Nehru («era na verdade um intelectual, o que me inspirava gratidão e confiança»), apesar de ter sabido preservar, perante ele, uma réstia de cepticismo («um intelectual dotado de imenso poder, habituado a não ser contradito»).

Parece ser esse também o espírito com que aborda a complexa cultura indiana. Moravia, em cuja obra Marx e Freud se cruzaram com frequência, explicará, um ano antes de morrer, ter tido como objectivo, no modo de entender a Índia, «aceitar» sem se «identificar» (em contraponto àquela que diz ter sido a posição de Pasolini: «identificar-se sem

verdadeiramente aceitar»). Talvez por isso Pasolini o tenha descrito, num outro livro que também escreveu sobre a viagem que fizeram juntos, como «um viajante à inglesa», documentado e objectivo.

Em muitos aspectos, a Índia dos nossos dias já não será a Índia que Alberto Moravia visitou no princípio dos anos 60 do século passado. O escritor soube, no entanto, procurar nela os traços de uma identidade ancestral. Quase meio século depois de ter sido publicado, inicialmente como um conjunto de artigos para o jornal *Corriere della Sera*, o que mantém este livro actual — para lá da prosa elegante de Moravia — é o mérito de escapar à pequena anedota circunstancial, que talvez lhe acrescentasse em colorido aquilo que lhe subtrairia em capacidade de ler os sinais profundos de uma cultura milenar.

CARLOS VAZ MARQUES

INTRODUÇÃO

Com que então, estiveste na Índia. Divertiste-te?

Não.

Aborreceste-te?

Também não.

O que te aconteceu na Índia?

Fiz uma experiência.

Que experiência?

A experiência da Índia.

E em que consiste a experiência da Índia?

Consiste em fazer a experiência daquilo que a Índia é.

E o que é a Índia!

Como hei-de dizer-te? A Índia é a Índia.

Mas suponhamos que eu não sei de todo o que é a Índia. Diz-me tu o que é.

Eu também não sei verdadeiramente o que é a Índia. Sinto-a, é tudo. Também tu deverias senti-la.

O que queres dizer?

Quero dizer que deverias sentir a Índia do mesmo

Sim, mudaram.

E de que modo?

Os indianos imitam os europeus e os europeus os indianos.

Ou seja?

Os indianos gostariam de acreditar na realidade dos sentidos, os europeus acreditam cada vez menos.

Então, uma vez que os papéis se inverteram, para que te serviu ir à Índia?

Já te disse, para fazer a experiência da Índia.

Ou seja?

Ou seja, ver por que razão os europeus são europeus e os indianos indianos.

AO ANOITECER, NA ÍNDIA

ES-IS-ME, POIS, NA ÍNDIA, no campo, a quatro milhas de Aurangabad, a cidadezinha conhecida dos turistas por estar perto das célebres grutas esculpidas e pintadas de Ajanta e Ellora. É a hora do crepúsculo, com uma luz verde, pura e triste no céu sereno, onde já brilha uma enorme estrela branca. Do hotel que se situa sobre uma colina contemplo uma vasta paisagem, que depois voltarei a ver muitas e muitas vezes, porque a Índia é imensa mas monótona. Imagine-se uma floresta de corte ou um bosque, a bem conhecida mata, pululante de arbustos e moitas a perder de vista, com algumas árvores grandes isoladas aqui e além, e a amarelidão do solo árido e arenoso a revelar-se onde quer que haja uma clareira. De quando em quando o recorte de um campo cultivado ressalta na mata, verde claro, delicadamente visível, dir-se-ia, caule a caule. Colinas incertas, poeirentas, estilhaçadas, cercam o horizonte longínquo sem o encerrarem realmente; e na verdade a característica predominante deste panorama pouco pitoresco mas expressivo é uma grandiosidade fúnebre, a que a

imobilidade perfeita do ar confere uma sensação de extenuada espera, de calma exausta.

Do hotel, por um caminho coberto de saibro, entre dois grandes canteiros de relva cortada à inglesa, desço em direcção à entrada do parque. Dos canteiros elevam-se, aqui e além, árvores enormes, de troncos grossos, carnudos, macios, carregadas de folhas pesadas e polpudas. Enormes corvos negros em grande quantidade, como se em vez do relvado aparado ali houvesse um campo de batalha pejado de cadáveres, esvoaçam pesadamente de árvore em árvore, grasnando em voz sonora. Eis o portão aberto de par em par, e a estrada que vai para Aurangabad. Um encantador de serpentes que, junto à ombreira do portão, aguarda a passagem dos turistas europeus, assim que me vê apressa-se a acocorar-se, a destapar o cestinho e a tocar algumas notas no pífaro de cana, enquanto a cobra-capelo se eleva e oscila graciosamente, inocente e fiel como um cão ou qualquer outro animal doméstico. Mas, embora o homem com a sua patética cobrazita me inspire compaixão (o sentimento que mais vezes se experimenta quando se viaja pela Índia), prefiro olhar para a estrada.

É o momento em que, em todo o mundo, os camponeses abandonam os campos; também aqui o êxodo acontece da mesma forma que em tantas outras regiões rurais, de modo que por um instante poderia crer que me encontrava não no subcontinente asiático, mas em Espanha ou na Grécia, ou na Itália meridional. A passo, a trote e até a galope, com um efeito quase cómico, idêntico ao que provocam

certas carroças napolitanas lançadas em louca corrida pelos excêntricos carreteiros, desfilam diante de mim, entre as nuvens de pó amarelo, um após outro, os *bullock-carts*, os carros indianos puxados por uma junta de bois. O *bullock-cart* é uma das imagens mais antigas e mais típicas da Índia rural; provavelmente já assim era dois mil anos antes de Cristo. São carros altos e estreitos, para transportar feno, de fabrico tosco, com as rodas maciças e um timão longo e pesado. Os dois bois são muito pequenos (todos os animais domésticos, talvez devido a atávica desnutrição, são mais pequenos na Índia do que na Europa, tanto os bois como as galinhas, que não são maiores do que pombas e põem ovos com metade do tamanho das nossas), com uma forma quase geométrica de tão magros, brancos, com olhos negros e bondosos, e os cornos de uma forma estranha que exprime mansidão, isto é, unidos no cimo como as pétalas de uma flor ou o laço de um lenço. Sobre o timão vai sentado o camponês, uma perna dobrada e a outra pendurada, a cabeça envolta num grande turbante, o tronco nu, um pano branco em torno dos rins. Também voltarei a ver este camponês e os seus bois, tal como a paisagem, centenas de vezes, durante a viagem pela Índia; variará, mas pouco, a cor do turbante ou o tecido do pano, porém a sua expressão será sempre aquela, um misto de paciente resignação, de imperturbável ignorância e de ancestral melancolia. E os traços do rosto também não diferirão muito do Norte para o Sul, quase sempre de uma pureza e de uma nobreza surpreendentes, ascéticos e essenciais, muito diferentes do

NOTA BIOGRÁFICA

ALBERTO MORAVIA, pseudônimo de Alberto Pincherle, nasceu em Roma, em 1907, numa família próspera de classe média. Ainda criança, adoeceu com tuberculose óssea, tendo passado, ao todo, cinco anos em sanatórios e em casa, entre os 9 e os 17 anos de idade. Talvez este isolamento, que fomentou a voracidade da leitura, explique a precocidade literária do escritor. Colaborou em jornais, ainda muito jovem, e com 22 anos publicou o seu primeiro romance — *Os Indiferentes* — que teve um grande impacto na atmosfera literária italiana da época. Para tal contribuiu o pendor marcadamente antifascista e antiburguês da obra, no contexto de uma Itália que acabara de assistir à assinatura da concordata entre Benito Mussolini e o Vaticano. Aliás, rapidamente as obras de Moravia viriam a ser proibidas pelo regime ditatorial e colocadas no Índice do Vaticano, por atentarem contra os valores morais e os bons costumes.

Por ser oriundo de família judaica e militante de esquerda, viveu nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1941 casou com Elsa Morante, também escritora, e o casamento manteve-se durante quase 20 anos. Regressou à Itália após o conflito e retomou a militância, ao mesmo tempo que aumentava o seu prestígio além-fronteiras e que várias obras suas eram adaptadas ao cinema por grandes cineastas, como Bernardo Bertolucci (*O Conformista*) e Jean-Luc Godard (*O Desprezo*). Em 1961 fez uma viagem pela Índia,

acompanhado pela mulher e por Pier Paolo Pasolini. Desta viagem resultaram os textos que compõem *Uma Ideia da Índia*.

Alberto Moravia morreu em Roma, em 1990.

